

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

MISCELLANEA FOLK-LORICA

Quem morreu, quem morreria?

—Morreu a filha do rei
Pelo crime que tenia;
Matar a mãe a seus filhos
Isso era o que Deus não q'ria;
Descasar os bem casados
E' que Deus não permittia.

(Elvas)

(Romance)

D. Leonarda

Estando D. Leonarda
No seu jardim assentada,
Penteando o seu cabello
Com pentes d'ouro e prata,
Deitou os olhos ao mar,
E viu vir uma grande armada,
O Capitão que vem n'ella
Trál-a muito bem guiada.
—Dizei-me lá, capitano,
Dizei-me pela vossa alma,
Se esses amores que eu tinha
Veem lá na vossa armada.
—Esses amores, senhora,
Lá os vi morrer na guerra,
A mais pequena facada
Era a cabeça cortada.
Ai de mim! triste viuva!
Triste viuva coitada!
— O que déras vós, senhora,
A quem v'lo trouxera aqui?
—As telhas do meu telhado,
Que são de ouro e marfim.
Não quero os vossas telhas,
Não as pretendo p'ra mim,
Sou soldado, vou á guerra,
Não pretendo o estar aqui.
—De tres moinhos que tenho
Dar-vos-hei o mais gentil,
Um móg cravo, outro canela,
Outro móg trigo anafil.

Não quero os vossos moinhos
Não os pretendo p'ra mim,
Sou soldado, vou a guerra,
Não pretendo o estar aqui.
O que déras vós, senhora,
A quem v'lo trouxera aqui?
—De tres filhas que tenho
Dar-vos-hei a mais gentil,
Uma *metterei-a* freira,
Outra fica para mim.
—Não quero as vossas filhas,
Não as pretendo p'ra mim,
Sou soldado, vou a guerra,
Não pretendo o estar aqui.
O que déras vós senhora,
A quem v'lo trouxera aqui?
—Não tenho mais que vos dar,
Nem vós mais que me pedir,
—Senhora, podieis dar
Esse corpo tão gentil.
—Cavalleiro que isso pede
Precisa ser arrastado,
Ao rabo do meu cavallo,
Em redor do meu jardim;
Descam creados abaixo,
Venham faze-lo assim.
Deixem-se estar lá, creados,
Não sejam tambem mandados,
Que esse pão que estão comendo
Eu bem lh'o tenho ganhado,
Lembrai-vos ò vós, senhora,
Quem comvosco repartiu
Um annel de sete pedras?
Mostrae-me a vossa ametade,
Que a minha, cil-a aqui.

Villa Boim

Romance

Conde de Lindes

Viudo D. Conde Lindes,
N'uma noite de luar,
A dar agua aos seus cavallos,
Elle se pôz a cantar,
O rei, que tal ouviu,

Sua filha foi chamar:
 —Anda cá ó minha filha,
 Anda cá ouvir cantar,
 Ou são os anjos no ceo,
 Ou é a sereia no mar.
 —Nem são os anjos no ceo,
 Nem é a sereia no mar
 E' o D. Conde Lindes,
 Que comigo quer casar.
 —Diz-me lá, ó minha filha,
 Se isso assim é na verdade,
 Que já o mando matar.
 —Se manda matar o conde,
 Mande-me a mim também.—
 Inda mal era *manhem*,
 Dois amantes a enterrar;
 Um se enterra ao pé da cruz,
 Outro lá cima ao altar,
 D'elle nasceu uma canna,
 E d'ella um canaveal.
 O rei mandou deitar *pregão*,
 Oh que *pregão* mandou deitar:
 —Casamentos por amor
 Não se podem apartar.

(*Villa Boim*)

•••••

Romance

O Principe d'Alemanha

Já bate o sol na vidraça,
 Já lá vem o claro dia,
 E o principe d'Alemanha
 Que com a rainha dormia;
 Ninguem do palacio o sabe
 Senão D. Bernarda,
 Filha da mesma rainha.
 —Tu que o sabes, ó Bernarda,
 Não me queiras descobrir,
 Que o principe é muito rico,
 De ouro te ha-de vestir.
 —Que se me dá do seu ouro,
 Mais também do seu damasco,
 Inda tenho meu pae vivo.
 Já me querem dar padrasto;
 Deixe vir meu pae da missa
 Que eu lh'o irei dizer,—
 Palavras não eram dictas,
 O rei á porta a bater.
 —Que tendes, D. Bernarda,
 Que assim estaes agoniada?

—Que hei-de ter ó meu pae,
 Estando no meu tear,
 Fiando ouro e téla,
 Veio o principe d'Alemanha
 Dois fios me quebrou d'ella.
 —Cala-te, D. Bernarda,
 Que elle é rapaz, quer brincar.
 —Mal o haja a sua brinca,
 Mais também o seu brincar,
 Que me pegou pela mão
 E á cama me quiz levar.
 —Cala-te D. Bernarda,
 Que o verás ir degolar.
 —Mal o hajas tu Bernarda,
 Mais o leite que mamaste,
 Sendo o principe tão bonito
 A morte que lhe causaste.
 —Cale-se, senhora mãe,
 Não me faça aloivesia,
 Que a morte que o principe leva
 Vossa alteza é que merecia.
 —Mal o hajas tu, Bernarda,
 Mais o leite que mamastes,
 Sendo o principe tão bonito
 A morte que lhe causaste.
 —Cale-se, senhora mãe,
 Não me faça arrenegar,
 Que a morte que o principe leva
 Inda vós a haveis de levar.

(*Elvas*)

•••••

Romance

Os dois irmãos

Que fazeis, menina,
 Por entre a ribeira?
 Tirai-vos do sol,
 Que o sol vos queima.
 O sol não me queima,
 Já estou avezada
 O' frio, e á neve,
 E ó rigor da calma.
 —Que gentil mulher
 P'ra guardar gado,
 Dê cá o cesto
 E também o cajado.
 —Não quero creados,
 De meias de seda,
 Que não quero q'as rompan,
 Por essas estevas.

— Sapatos e meias
Tudo romperei,
Só por lhe dar gosto,
Tudo o mais farei.
— Razão como essa
Outra não ouvirei,
Vou guardar meu gado,
Que alem deixei.
— Menina é ingrata,
Menina é ingrata,
Se quer ser ingrata,
Passe muito bem.
— Voltae cá, meu mano,
Voltae cá correndo,
Que o amor é cego,
Já se vae rendendo.
Aqui dou um grito,
Aqui dou um brado:
Senhora da Penha,
Guardae o meu gado.

(Elvas)

Antonio Thomaz Pires.



Pesadelo da mão furada

É um prejuizo bastante generalizado nas fréguezias rurales d'este concelho, mórmente nas que se achão mais pela serra dentro: quando uma pessoa está doente de cama e sente em cima de si um pêso muito grande, sem vêr ou apalpar, já sabe que tem no espinhaço o PESADELO DA MÃO FURADA: é este um espirito máu que atormenta os enfermos, já opprimindo-os sob fórmas invisíveis a ponto de lhes fazer doer o corpo, já pousando sobre elles, ora cacarejando como gallinha chôca, ora piando como mócho agoureiro: se o doente sabe a ORAÇÃO DO PESA-

DELO, é um momento em quanto se vê livre d'elle.

(Odmira)



A mula e a jumenta

N'um empoeirado alfarra-bio, là do tempo dos jesuitas, roido em parte pela traça e pelos ratos, e onde as aranhas havião feito ninhos, topei com o seguinte apologo, em que figuram dous quadrupedes.

« Pouco depois do solnado, caminhavão caladas e á porfia, em plano argiloso e sêco, na estação das cegarregas, uma mula e uma jumenta, carregadas ambas com saccos de bom trigo da ultima colheita. O silencio dorou por largo espaço, apenas interrompido por algum ronco furtivo, ou gemido surdo, que cada uma soltava, segundo a cadencia do passo; mas a jumenta, que se sentia opprimida da carga com que aguentava, lançando de quando em quando o olho alvar para a parte da mula, e não se podendo mais conter, perguntou-lhe emfim: « Quantos saccos levavas? »

« Então a mula, fitando uma orelha e retirando outra, para dar largas á malicia que lhe fervia nos miólos, respon-

deu em tom abafado e rouco, mas intelligivel para a sua interlocutora: «SE TE EU DER UM DOS MEUS, LEVARÁS TANTOS COMO EU, MAS SE TU ME DERES UM DOS TEUS, LEVAREI DOBRADOS DO QUE TU.» Esta resposta fez abaixar n'um momento as longas orelhas da jumenta, e passando a ruminar'a no bestunto, scismou todo o caminho, e ainda depois por muito tempo, nunca podendo atinar ao certo quantos erão os saccos que a mula conduzia, não obstante saber o numero dos que fazião a sua carga.»

(Povo de Lanhoso).

José J. F. de Mello e Andrade



① cabelo

Os chinezes, entre as suas crenças, guardam religiosamente a de que as mulheres que teem o cabelo curto, por natureza, se transformam em homens, quando a sua alma passar a nova encarnação.

O que não sabemos é se tambem creem que os homens de cabelo comprido se transformarão em mulheres...

ADAGIOS DE JANEIRO

Da flor de Janeiro ninguém encheu o celloiro.

—Em Janeiro, soba ao oiteiro; se vires verdejar, põe-

te a chorar, e se vires a terrear, põe-te a cantar.

—Janeiro molhado, se não é bom para o pão, não é mau para o gado.

Miguante de Janeiro, corta madeira.

—Quem azeite colhe antes de Janeiro, azeite deixa no madeiro.

—Em Janeiro, secca a ovelha suas madeixas no fumeiro.

—Janeiro geoso faz o anno formoso.

—Vae-te embora Janeiro, cá fica o meu cordeiro.

—Agua de janeiro todo o anno tem concerto.

DE FEVEREIRO

—Lá vem fevereiro que leva a ovelha e o carneiro.

—Se a Senhora da Luz chorar está o inverno para vir.

—Fevereiro enganou a mãe ao soalheiro.

—Fevereiro afoga a mãe no ribeiro.

Agua de fevereiro mata o anzoneiro.

—Em não chovendo em fevereiro nem bom prado, nem bom palheiro.

—Por S. Mathias começam as enxertias.

—Fevereiro, feveras de frio e não de linho.

(continua)